

O jardineiro fiel, ou tudo o que parece ser não é

Antônio de Pádua Bosi

Professor do Programa de Mestrado em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

O filme *O Jardineiro Fiel* (tradução brasileira de “*The Constant Gardener*”) estreou no final de 2005 e foi muito comemorado pela crítica tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos. A trama é relativamente simples. Um discreto e tranqüilo diplomata inglês, Justin, envolve-se com uma ativista política, Tessa, cuja militância é dedicada a evidenciar e denunciar experiências ilegais com cobaias humanas na África realizadas por uma grande empresa farmacêutica. Para testar uma droga contra a tuberculose essa poderosa empresa corrompe funcionários da diplomacia inglesa e o próprio governo do Quênia para aplicar o medicamento em pessoas selecionadas entre a população queniana. Ao longo do filme o contraste entre a “constância” do burocrata inglês e o engajamento da ativista sugere que o amor não escolhe ideologias.

Entre as razões para a boa receptividade desse thriller por parte da crítica brasileira figuram um roteiro coerente, um elenco sedutor (Ralf Fiennes e a linda Rachel Weisz) e uma direção tupiniquim realizada por Fernando Meirelles, o mesmo de *Cidade de Deus*. E de fato, como thriller, o filme não deixa a desejar.

Na primeira metade do filme, Justin começa a duvidar da fidelidade de Tessa. Uma série de cenas indica que a ativista o trai sexualmente com um médico negro, Arnold, também envolvido na cruzada contra os experimentos da empresa farmacêutica. Mesmo irritado e inseguro Justin mantém-se “constante”, dedicado ao seu jardim e ao cultivo de flores e plantas como que a garantir-lhes o crescimento, o viço e as cores, uma metáfora sutil que representa seus cuidados com Tessa. Contudo, a partir do assassinato de Tessa depois que ela informa ao governo inglês sobre os experi-



mentos da empresa farmacêutica e as mortes, Justin se transforma e busca compensar sua suposta alienação frente à corrupção de seus colegas funcionários da diplomacia inglesa no Quênia. Na segunda parte Justin descobre que Tessa não lhe fora infiel e retoma as denúncias organizadas por ela contra os experimentos, agregando a isso a condenação dos corruptos funcionários ingleses. No final do filme, refugiado no interior do Quênia, onde Tessa foi assassinada, Justin espera pela morte enquanto o roteiro sugere que o esquema da empresa farmacêutica é desmontado e a corrupção dos funcionários ingleses é divulgada. Mesmo nessa circunstância a violência fica por conta de mercenári-

os quenianos que crivam Justin de oito balas. Já o “constante” inglês não dispara um só tiro.

Embora *O Jardineiro Fiel* valha o valor do ingresso, uma leitura mais atenta revela que ele também vale pelo que não é: um filme sobre a ganância das corporações farmacêuticas e a corrupção da diplomacia inglesa. O bem realizado esforço do roteirista Jeffrey Caine (o mesmo do ótimo *007 contra Goldeneye*) e do diretor Fernando Meirelles em encenar no cinema o livro *The Constant Gardener*, de John Le Carré, é a primeira evidência de que a indústria do cinema conseguiu ocultar o capitalismo por detrás de uma cortina de fumaça. A conexão entre poder político e poderosas corporações que o filme denuncia em realidade simplifica o capitalismo em um sistema dominado por grandes corporações e políticos corruptos. As classes sociais desaparecem. E os conflitos sociais sobrevivem encarnados numa idéia de que sua causa é representada pela desmedida exploração da corporação farmacêutica sobre a humanidade!

Depois que o regime stalinista ruíu no Leste Europeu este tem sido o tema predileto do ex-agente britânico e escritor de pseudônimo John Le Carré. A exemplo de suas recentes objeções à política de Bush e Tony Blair no Iraque a crítica dirigida à política estadunidense e britânica não repousa em sua natureza capitalista, mas reside nos excessos desnecessários desse tipo de “aventura colonialista”. É ele mesmo quem afirmou que “apesar de estar completamente contra Bush poderia gostar de ver a queda de Sandan, mas não nos termos e não sob os métodos de Bush. E não sob a bandeira de uma hipocrisia escandalosa”.¹

É desse mesmo modo que se manifesta a suposta crítica presente no filme e facilmente encontrada por quem o assiste. Frente à utilização de cobaias humanas em experimentos científicos com objetivos mercadológicos toda a vingança possível sugerida ao espectador derrama contra os desonrados, desonestos e inescrupulosos funcionários da diplomacia inglesa no Quênia. Contudo, para que essa amálgama funcione nem todos os funcionários podem ser corruptíveis. Justin não o é. Ao contrário, o desconhecimento a respeito do esquema montado com a poderosa corporação farmacêutica é o alibi da própria Inglaterra. É como se a participação do imperialismo inglês neste vultoso negócio fosse absolutamente impensável. Aliás, a pobreza e miséria que marcam a realidade queniana não guardam, no filme, nenhuma relação com seu passado recente de protetorado inglês. Apagado esse vestígio do passado a presença de interesses multinacionais e imperialistas no Quênia perde qualquer sentido com sua história como, por exemplo, a “concessão” do Sultão de Zanzibar (antigo Quênia) para que a Associação Britânica da África Oriental pudesse explorar aquelas terras durante 50 anos desde ... 1887!² É nesse sentido também que a própria crítica explicitada no filme já nasce como uma “cria morta”, já reificada antes mesmo que ocorra algum tipo de conflito de hierarquia. Como diria Adorno, um tipo de crítica bastante comportada, permitida, disciplinada e que, por essas características, nunca transborda os limites da ordem social estabelecida, na qual está referido o próprio filme.³ Ou alguém pensa que depois de *O Jardineiro Fiel* seu diretor e elenco serão alijados de Hollywood e perecerão sem financiamento para outros filmes?

Portanto, a corrupção que lança um dos alicerces argumentativos do filme permitindo mostrá-lo como uma película crítica e posicionada politicamente é destituída de sentido histórico. Este vazio é preenchido por um conteúdo de filiação liberal smithiana que traduz a própria corrupção como uma oportunidade moral não-sistêmica que *pode e é* deterministicamente contida por uma conduta referida numa moral oposta. Então, a transformação dos quenianos em cobaias é codificada como um componente da natureza humana e, no limite, como resultado de uma excessiva avidez das corporações farmacêuticas que não recusam recursos de duvidosa base moral para obterem vantagens na concorrência mundial. No final, o vilão não é o capitalismo, nem a dominação imperialista, mas, como objetou Le Carré, os termos e os métodos desse capitalismo ... digamos, sem escrúpulos!

Ideológico – porque mostra e resume a totalidade do real por uma de suas partes –, *O Jardineiro Fiel* faz disso uma operação contínua que converte o “constante” Justin no agente movido por uma moral de fundo puramente afetiva e com o poder para desbaratar a corrupção que assassinou Tessa. Sua fidelidade parece não estar com a Inglaterra. Engano. Suas ações que levaram à condenação do esquema restituíram a ordem das coisas. Ordem capitalista, é claro, já que a divergência reside nos termos e nos métodos. Ironicamente, para sustentar o filme como um thriller, a narrativa nos induz a perceber a realidade pela aparência. Arnold, ativista aliado a Tessa, parece ser seu amante, mas não o é. Sandy, que parece ser o melhor amigo de Justin, não o é. Justin, que parece ser “constante” não o é. Tessa, que parece trair Justin, não o traiu. Mas fora dos argumentos previstos pelo roteiro do filme há uma série de outras aparências que ocultam o Quênia colonizado e a dominação imperialista que viabiliza os negócios do capitalismo.

Em primeiro lugar, figura a tentativa de desvincular a política praticada pela corporação farmacêutica da dominação imperialista no Quênia, construída pela Inglaterra desde o século XIX. Isto é realizado à medida que o filme faz coincidir “civilização” com os costumes, leis e língua ingleses, e de outro lado, os diversos modos de vida tribais com “atraso”. Em segundo lugar, figura a tentativa de converter a ativista Tessa em revolucionária. Não há nenhuma possibilidade – por mais sutil que pudesse ser – da militância pacifista de Tessa ameaçar a propriedade dos grandes meios de produção encarnada no filme pela corporação farmacêutica. A divergência, novamente, se dava em torno dos termos e dos métodos. Nada contra uma droga que combatesse a tuberculose, mesmo que patenteada e vendida a preços monopólicos. Aliás, é de se perguntar porque ela mantém uma confiança quase inabalável nas instituições. Primeiro se casa com um funcionário da diplomacia que tanto criticava. Depois encaminha suas denúncias ao próprio governo inglês. E o mais significativo talvez seja sua vinculação com uma ONG cuja existência - a exemplo de outras - é sempre complementar às instituições governamentais, servindo-lhes como uma espécie de ombudsman. Em terceiro lugar, figura a tentativa de apresentar a população queniana como apática, dócil, passiva e ao mesmo tempo sedenta pela civilização capitalista, vítima apenas da ação destemperada da corporação farmacêutica aliada aos corruptos governantes quenianos e funcionários da diplomacia inglesa. Alguma resistência que é mostrada no filme fica por conta de Arnold, o médico ativista, a representação ilustrada de seu país, evidência de que tanto a corporação farmacêutica quanto ele e Tessa são agentes civilizatórios diferentes apenas nas referências morais que os justificam.

Desse modo, o Quênia de *O jardineiro fiel* está distante do Quênia tornado independente pela rebelião dos Mau-Mau, ocorrida em 1952 contra o monopólio das terras pelos europeus, liderada por Jomo Kenyatta, que denunciou o fato de que enquanto seu povo aprendia a Bíblia os brancos ficaram com suas terras. Mais do que isso, a rotação do sentido histórico realizada no filme desliza os quenianos para uma posição inerte cabendo aos próprios ingleses “bons” corrigirem os excessos da “civilização”. Assim, a missão da ativista Tessa é a de lutar pelos que não “podem” lutar, missão herdada por Justin. No funeral de Tessa a relativa multidão de quenianos que se fez presente parecia pedir-lhe perdão mais do que render-lhe homenagens. Perdão por não terem ajudado a ativista a ajudá-los! Mas como diria Subcomandante Marcos, “quem tem de pedir perdão e quem pode outorga-lo? Os que, durante anos, sentaram-se à mesa cheia, saciando-se, enquanto conosco estava a morte, tão cotidiana, tão nossa que perdemos o medo dela?”⁴ Mas, como disse, o filme vale o ingresso e paga a beleza e o talento de Rachel Weisz, o thriller bem dirigido, a fotografia exuberante. Politicamente..., é mais esclarecedor reler Lênin.

Recebido para publicação em fevereiro de 2006.

Notas

¹ LE CARRÉ, John. The United States of America has gone Mad!, In *The Times*, 16 de Janeiro de 2003. Disponível em: <http://www.worldpeacecomm/peacemail.html#story>. Acesso em: 24 de dez. 2005.

² ENCYCLOPEDIA BRITANNICA. Quênia, In *Encyclopedia Britannica*. Volume 11, p.319-323, São Paulo: Encyclopedia Britannica Editores, 1975.

³ Cf. ADORNO, T. e HORKHEIMER, M. A Indústria Cultural. O Iluminismo como mistificação das massas. In ADORNO, Theodor. *Indústria Cultural e Sociedade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2002, p. 21.

⁴ MARCOS, SUBCOMANDANTE. Quem tem de pedir perdão?, In DI FELICE, M. e MUÑOZ, C. (orgs.). *A revolução invencível*. São Paulo, Boitempo, 1998, p. 46.